

Arquivologia na tela:

processo didático-pedagógico a
partir de filmes

Resenha de RONCAGLIO, Cynthia
e MANINI, Miriam P. *Arquivologia
& Cinema: um olhar arquivístico
sobre narrativas fílmicas*. Brasília:
Universidade de Brasília, 2016. 188p.

ANTONIO LAURINDO DOS SANTOS NETO

Arquivologista com especialização em História Moderna e mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é estatutário do Arquivo Nacional, atuando na área de imagens em movimento. É membro fundador da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA) e integrante da Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais — CTDAIS (Conselho Nacional de Arquivos — CONARQ), além de Curador do Arquivo em Cartaz — Festival Internacional de Cinema de Arquivo
antonioneto01@hotmail.com

A Arquivologia no Brasil ainda carece de publicações próprias plasmadas no formato de livro. Todavia, não se pode negar que a produção de teses, dissertações e artigos tem crescido nos últimos anos. Sem querer hierarquizar e atribuir valor aos diferentes modos de registros do conhecimento, os livros em língua portuguesa que se dedicam à área, sobretudo com a Arquivologia como protagonista, podem ser contados nos dedos. Notadamente uma obra que busca relações entre Arquivologia e Cinema denota originalidade e pioneirismo. Nesse cenário “Arquivologia e Cinema: um olhar arquivístico sobre narrativas fílmicas” foi recebido com alegria e entusiasmo pela comunidade acadêmica.

As autoras Cynthia Roncaglio e Miriam Paula Manini conceberam a obra após anos de pesquisa científica no âmbito da Ciência da Informação (CI). Ambas são professoras da Universidade de Brasília (UnB), onde o livro foi lançado em setembro de 2016. A universidade onde elas atuam oferece desde o início da década de 1990 um curso de graduação em Arquivologia e Doutorado em Ciência da Informação. Já o mestrado em CI foi inaugurado na UnB no final da década de 1970. As autoras consideram que o tema é inédito na área da Arquivologia. Esclarecem que alguns artigos e resenhas analisam temas arquivísticos em alguns filmes, mas que nenhum ainda sugeriu uma metodologia. Conclusão só possível após uma dedicada revisão de literatura, como é comum (ou deveria ser) no ambiente da pesquisa científica.

A revelação da dificuldade das autoras em definirem o nome do livro e dos desafios, dilemas e angústias diante dos compromissos pessoais e profissionais dá um tom de proximidade e intimidade com o leitor. O caráter acadêmico, que muitas vezes é tratado de forma hermética, ganha ares de leveza a cada página. Generosamente oferecem a apresentação do percurso traçado e das metas que estabeleceram para que o objetivo fosse cumprido com sucesso.

O livro foi estruturado em capítulos. O **capítulo 1 — Funções arquivísticas em Cena** aborda as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre funções arquivísticas e a leitura e análise de filmes. O **capítulo 2 — Cinema e pedagogia fílmica** dedica-se a algumas reflexões sobre cinema e educação. O cinema como ferramenta para a transmissão de conhecimento e como fonte documental. As reflexões teóricas são sucedidas pela apresentação da experiência dos estudantes de graduação e pós-graduação com a utilização de filmes no ensino de assuntos referentes “à Arquivologia, à Ciência da Informação, à memória e à leitura de imagens” (p. 23). Por último o **capítulo 3 — Filmes analisados** traz os dez filmes selecionados e analisados a partir da

metodologia proposta pelas professoras / autoras para que possam servir de referências para docentes em sala de aula. Cabe ainda destacar os apêndices: A — Indicação de outros filmes para uso em sala de aula, B — modelo e instruções de preenchimento da Ficha de Análise Arquivística de Filmes (FAAF) e C — Receitas Cinearquivísticas.

Funções arquivísticas em Cena

A proposta de identificar em filmes funções arquivísticas exige de professores e alunos um “olhar atento e treinado”. Logo, o olhar arquivístico sobre narrativas fílmicas não começa e nem termina no filme. Faz parte de um repertório de instrumentos (livros, artigos, etc.) e metodologias (aulas, discussões, etc.) de um processo pedagógico. As autoras reconhecem que as funções arquivísticas podem ter múltiplas interpretações e que não são concentradas apenas em uma disciplina. São vistas e discutidas ao longo de todo o curso superior em Arquivologia. Elegeram como referência para as sete funções arquivísticas — **1) Criação; 2) Avaliação; 3) Aquisição; 4) Classificação; 5) Descrição e indexação; 6) Difusão; e 7) Preservação** — uma obra ainda não publicada no Brasil: *Les fonctions de l'archivistique*, de Carol Couture e outros colaboradores. O livro foi publicado em 1999 e reeditado em 2003 pela Universidade de Québec, no Canadá. A breve compilação é um presente para os estudiosos da área que não tem acesso ao original e nem dominam o idioma francês. O caráter coletivo da agradável obra também se faz presente aqui, visto que as autoras contaram com a colaboração da professora Georgete Medleg Rodrigues e do professor Rogério Henrique de Araújo Júnior, ambos da UnB, na tradução dos trechos citados.

Atentas para as indecisões terminológicas, as autoras também oferecem um quadro comparativo no qual estão explicitadas as definições das funções arquivísticas, com suas diferenças e semelhanças. Além do livro de Couture, lançaram mão de uma obra internacional e de uma nacional: *Glossary of Archival and Records Terminology* (GART), da Society of American Archivists e *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (DIBRATE). O quadro comparativo, fruto de um trabalho de pesquisa, é um instrumento didático fundamental para o ensino da Arquivologia. Além do quadro, as variações das definições são explicadas pelas autoras com importantes citações, funcionando como uma breve revisão de literatura. É importante destacar que na obra de Couture não existe um esclarecimento de como se chegou à defi-

nição de sete funções arquivísticas. A opção das autoras pelas sete funções parece contribuir para a estruturação do que pode ser identificado em narrativas fílmicas.

As traduções, o quadro comparativo e os comentários ajudam a preparar o olhar para a identificação das funções arquivísticas nas cenas e/ou falas dos filmes. A partir daí se tem mais subsídios teóricos para o preenchimento da Ficha de Análise Arquivística Fílmica (FAAF), que também contempla a identificação do que elas chamam de serviços arquivísticos (auxílio à pesquisa) e postura profissional (conduta do arquivista e ética profissional).

Cinema e pedagogia fílmica

O capítulo está dividido em partes que procuram fazer diferentes relações do cinema com outras áreas do conhecimento. Inicia com a “importância do cinema na sociedade contemporânea”, depois continua com as “relações entre cinema e transmissão do conhecimento” e o “cinema como fonte documental” e por fim o “cinema como ferramenta didática no ensino superior”. As três primeiras relações são enriquecidas com citações de importantes referenciais teóricos. A última enfoca, principalmente, a experiência didática das professoras / autoras com filmes no campo arquivístico e da Ciência da Informação. O histórico apresentado e o quadro esquemático das disciplinas oferecidas no decorrer dos anos podem ser um modelo interessante para quem pretende aplicar a metodologia em cursos de graduação ou pós-graduação. Além das ementas, os filmes utilizados em cada disciplina estão relacionados.

Cabe destacar que o cinema é encarado pelas professoras / autoras como complementar a outras atividades didáticas, o que foge, felizmente, de um uso inadequado de filmes em sala de aula. Não é estranho ouvir relatos que na falta de um professor, sobretudo em escolas de ensino médio, se passa um filme. Para Roncaglio e Manini (2016, p. 65) “a análise do filme deve ser feita pelos estudantes, posteriormente burilada pela leitura de textos complementares e finalizada pelo debate entre os estudantes, que deve ser orquestrado pelo professor”. Apontou-se a participação dos estudantes nos experimentos e a contribuição que ofereceram para o aprimoramento da didática adotada.

Filmes analisados

Por último são apresentados e analisados os dez filmes selecionados para o experimento. Levaram em consideração o fácil acesso (lojas do ramo, locadoras e via internet) e as possíveis relações com uma ou mais funções arquivísticas, serviços arquivísticos e postura profissional. Cabe destacar no rol de filmes analisados os documentários brasileiros “Memória para uso diário”, de Beth Formaggini, e “Um passaporte húngaro”, de Sandra Kogut. As questões colocadas pelos dois filmes podem proporcionar um diálogo mais direto com seus espectadores (estudantes de Arquivologia), suscitando debates acerca da memória, da falta de registros probatórios, preservação e conservação e acesso.

O resultado das análises desperta o interesse pelos filmes escolhidos e uma vontade de submeter outras obras cinematográficas à metodologia desenvolvida pelas professoras / autoras. Elas esclarecem que caberá aos professores e estudantes a exploração outras possibilidades dos filmes indicados. Mesclar as já tradicionais metodologias de ensino e aprendizagem com o cinema pode proporcionar um aprofundamento do conhecimento acadêmico.

Mesmo não sendo o objetivo da proposta, a Ficha de Análise Arquivística de Filmes (FAAF) pode servir de referência para modelos de fichas que visem a representação da informação de filmes de um arquivo audiovisual. Os campos são relevantes para a identificação de uma obra fílmica e podem fazer parte de um sistema de recuperação da informação.

A ideia é que a metodologia seja aplicada no ensino superior de Arquivologia, propondo o cinema como um processo pedagógico inovador. A obra é para ser lida por professores e estudantes e deve constar em catálogos de bibliotecas universitárias. Professores de diferentes disciplinas podem fazer uso dos filmes em suas aulas, visto que as sete funções e serviços arquivísticos e a postura profissional são temas que perpassam todo um curso de graduação em Arquivologia. O livro é o produto final. Todavia, os interessados pelo tema podem participar de maneira colaborativa, acompanhando a pesquisa e os seus resultados. Para isso foi criado um grupo no Facebook intitulado “Arquivologia & Cinema”. Com uma linguagem agradável e precisa as professoras / autoras conseguiram unir teoria arquivística e cinematográfica com o prazer de assistir filmes.

Recebido em 05/07/2017

Aprovado em 06/07/2017